

II-6,4

Anno I

Rio-de-Janeiro

Nº 1

RUA DO OUVIDOR  
109

SOBRA

# DON QUIXOTE

JORNAL  
ILLUSTRADO  
DE  
ANGELO AGOSTINI



P. 244  
1951.



— Saude e Fraternidade

7-47 61



## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20\$000	Anno.	24\$000
Semestre	12\$000	Semestre	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a oportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possível dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfetante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 23 de Janeiro de 1895.

## DON QUIXOTE

Universalmente, conhecida a obra monumental de D. Miguel de Cervantes, e por isso, nos julgamos dispensados de dizer o que foi o heróe famoso, cujo nome lhe serve e nos serve de titulo.

A pouco e pouco os nossos leitores e o publico terão ensejo de perceber que este nosso *D. Quixote*, já pelo nome, já pelo seu character exquisito, tem muita affinidade e até mesmo algum parentesco com o decantado e engenhoso fidalgo de La Mancha.

Embora o tempo seja outro e o decurso de seculos dêse lugar a progressos admiráveis, na Sciencia, na Arte, na Politica, em todos os ramos, enfim, do saber humano, o certo é que neste *fin de siècle* ainda se soffre muito, ainda se é victima de um sem numero de prejuizos moraes, e de inqualificaveis abusos, praticados quasi sempre pelos fortes, ou que suppoem sel-o, contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não tem consciencia da sua força.

Apezar de se haver derramado rios de

sangue humano pela affirmação da supremacia do direito sobre a força, e não obstante a civilisação da nossa epocha, ha uma tendencia fatal para adoptar, e dar-lhe fôros de legitimidade, o tremendo axioma do ferreo Bismarck: — *A força antes do direito.*

Pois bem: com o pensamento na sua Dulcinea, que é esta patria brasileira, tão bella e tão forte, o *Don Quixote*, que ora se apresenta, está resolvido e prompto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideal, que é: — *Mais civilisação, mais progresso, mais humanidade.*

Se, na realisação deste programma, encontrar *D. Quixote* as disillusões que asoberbaram o seu incomparavel homonymo, affronta-as ha intemerato e proseguirá avante—tendo o cuidado porém, de prestar mais attenção ao seu fiel escudero, o precioso Sancho Pança, que o acompanhará, indefectivel, em toda a penosa jornada, que o avisará de todos os perigos imminentes, e lhe dará sempre a nota realista, a nota pratica, a nota philosophica dos acontecimentos.

Assim apresentado, *Don Quixote* curva-se reverente, e:

— Sauda o magistrado supremo da Nação, o illustre Dr. Prudente de Moraes, de cuja alta capacidade intellectual, de cujos sentimentos humanitarios, esperam os bons brasileiros a paz e o progresso desta grande Patria.

— Sauda o notavel representante desta cidade, o Dr. Furquim Werneck, fazendo votos sinceros para que, como prefeito, consiga dotar o Rio de Janeiro com os melhoramentos que a prova a competencia do Sr. Dr. Del Vecchio pode suggerir e executar.

— Sauda tambem o integro cidadão Dr. André Cavalcanti, chefe de policia, e seus dignos auxiliares, rogando-lhe em nome da civilisação, haja de empregar a energia moral e a força material necessarias, para a prompta e decisiva repressão das scenas de vandalismo com que certos grupos ameaçam a tranquillidade publica.

— E, por fim, *Don Quixote* sauda os seus bons collegas da imprensa desta Capital e da dos Estados, e o respeitabilissimo publico, aos primeiros desejando a maior união na defesa das boas causas, e ao ultimo — que Deus o livre e guarde dos nefastos acontecimentos por que pasou, ultimamente.

## O INCENDIO DA BARCA «TERCEIRA»

Ainda não se extinguiu a dolorosa impressão causada no publico pela terrivel desgraça do incendio da barca *Terceira*, occorrida no dia de Reis, ás 7 horas da tarde, nas aguas da nossa bella Guanabara.

Já nos occupamos deste triste assumpto em uma estampa especial acompanhada da noticia circunstanciada do facto, a qual distribuimos aos nossos assignantes e teve uma procura extraordinaria, obrigando-nos a fazer quatro edições, de quatro mil exemplares cada uma.

Devemos dizer que, logo no dia seguinte ao da catastrophe, fomos ao lugar em que ella se deu, e procurámos, depois, falar ao mestre da barca *Quinta*, Pedro Costa, que nos referio, indignado e com as lagrimas nos olhos, a scena espantosa dos bandidos que, em grupo ameaçador, o impediram de approximar o seu navio de uma das prôas da *Terceira*, podendo salvar deste modo todos os desgraçados que ali se reuniram esperando afflictos o devido soccorro.

O desenho que publicámos reproduz, portanto, com a possivel fidelidade, o terrivel acontecimento, que victimou para mais de cem pessoas, entre as quaes infelizes creancinhas, mulheres e muitos chefes de familia.

Temos um sentimento enorme: é não conhecermos os biltres que, sob ameaças de morte, impediram que o mestre Costa praticasse um acto commum de humanidade.

Quizeramos poder estampar as suas physionomias hediondas ás quaes, talvez, o remorso imprima traços vingadores...

Consola-nos, porém, a esperanza de sabermos um dia seus nomes.

\* \* \*

E já que falamos na criminosa intervenção desses covardes, não deixaremos de protestar contra o facto de alguns senhores passageiros terem o topete de dar *conselhos* aos mestres das barcas, sobre a marcha e o rumo que levam, mórmente quando se dá o phenomeno frequente da cerração.

Parcece incrivel, em gente de gravata lavada, a ignorancia de que, perante os codigos e o bom senso, tanto o mestre de uma barca quanto o commandante de um couraçado, são senhores absolutos dentro de seus navios e os responsaveis unicos pelas manobras da navegação.

Ou suppoem os *conselheiros* que o leme de um navio é marimba que preto toca?

Pois, senhores, ide lambar sabão...

D. REPORTER.

## NO ESTRANGEIRO

A França acaba de passar por uma crise, cujas consequencias podem ser graves para a tranquillidade desse bello paiz, tão rico, tão prospero, e, entretanto, tão difficil de governar.

Não ha duvida alguma de que a Republica Franceza está consolidada, em relação a qualquer tentativa de restauração monarchica.

Hoje, os que pensam, ainda, em assentar um rei no throno, são poucos. Os tres antigos partidos monarchistas, compostos de Legitimistas, Bonapartistas e Orleanistas estão muito reduzidos, e, pouco a pouco, os seus sectarios vão entrando submissos para as fileiras dos republicanos moderados.

—o—

Se o actual systema de governo tem-se mantido até hoje, não dando motivo a graves perturbações politicas, tanto internas como externas, que o poderiam abalar, é



porque muito se parece com o monarchico constitucional.

A unica differença está no chefe do Estado, que é eleito de sete em sete annos pelo parlamento reunido, composto de deputados e senadores.

—o—

De todos os presidentes, Carnot é quem melhor correspondeu á sua posição de chefe de Estado da Republica Franceza.

Duas grandes crises elle venceu: a do Boulangerismo, crise politica, e a do Panamá, crise politico-financeira, intimamente ligada á primeira, pois que foi com parte dos fundos dessa desastrosa empresa, que o governo francez combateu o general Boulanger e seus partidarios.

—o—

Carnot, seguindo, portanto, o systema das monarchias constitucionaes: *Reinar e não governar*, limitou-se a *presidir* e deixou os seus ministros *governarem*, ou *desgovernarem*, como entendiam, procurando, quanto possivel, manter-se no seu posto, com a maior independencia e imparcialidade, sempre digno e correcto.

—o—

De alguns annos a esta parte formou-se um partido que de dia para dia foi engrossando. Composto de antigos boulangistas, de radicaes e outros republicanos mais ou menos exaltados, entendeu dever acabar com o *opportunismo*, nome de ha muito dado ao actual systema do governo, que elle julga mais monarchico do que republicano.

—o—

A esse partido juntou-se um sem numero de descontentes (em toda a parte os ha) que, de ha muito, esperam novas leis mais liberaes, mais democraticas e mais economicas, que estabeleçam enfim um meio de acabar com essa tremenda *luta pela vida*, de que soffre o povo francez, e, pode-se dizer até, o do mundo inteiro.

Esse partido é o chamado *socialista*.

—o—

Casimir Périer e Dupuy, quando presidentes do Conselho de ministros esforçaram-se, apoiados pela maioria do parlamento, a combater energicamente esse partido, procurando até confundil-o ou mesclal-o com o *anarchista*, para melhor chamar a odiosidade publica contra elle.

Mas nada conseguiram: A onda socialista crescia cada vez mais.

—o—

Após a tragica morte de Sadi Carnot o parlamento francez, isto é, o grupo dos capitalistas e grandes proprietarios, de que fazia parte o archi-millionario Casimir Périer, entendeu que só um homem da tempera deste é que poderia occupar o alto cargo de chefe de Estado, para melhor combater um partido politico que cada dia tornava-se mais exigente e mais forte.

E Casimir Périer foi eleito presidente.

—o—

Foi um grande erro do parlamento e

uma imprudencia de Périer em acalhar o poder nessas condições. Se elle se tivesse limitado a presidir simplesmente, como fizera ou fingira fazer o seu antecessor, não teria soffrido tão cruel opposição, como chefe da reacção contra o socialismo, nem teria dado razões á imprensa de tornal-o impopular. A' troça e á satyra franceza ninguém resiste. A penna de Rochefort, no jornal *Intransigeant*, é uma arma temível e temida; muitas vezes é um punhal: mata!

—o—

Casimir Périer comprehendeu que não poderia resistir por mais tempo; e, olhando para trás, lembrou-se do 16 Mai, do Mac-Mahon, e das celebres palavras que a este dirigio o grande patriota Gambetta: *sub-metta-se ou demitta-se*.

Casimir Périer preferiu demittir-se. Fez muito bem, pois que tornava-se incompativel com as reformas pedidas pelos socialistas, e que elle sempre combateu.

—o—

O resultado da eleição para o novo presidente da Republica Franceza é a prova mais evidente de quanto é forte o partido dos republicanos mais adiantados, que contam em seu seio grande numero de socialistas.

O candidato delle, Brisson, teve 344 votos, Felix Faure 216 e Waldeck Rousseau 185.

A junção destes dois grupos é que determinou a escolha do Sr. Faure.

—o—

O actual presidente da Republica Franceza nasceu em Paris em 1841. No ultimo Gabinete Dupuy era ministro da marinha, cargo que elle desempenhou perfeitamente por já ter tido muitos navios no Havre, sob sua direcção. Até hoje não foi vulto politico saliente. Mas, assim, como Carnot, elle pôde, e muito o desejamos, ser um bom Chefe de Estado.

D. MARCIO.

—o—

— Um destes retratos, não é o teu, Ambrozio?

— E', e os outros dois tambem.

— Essa, agora!...

— Pois são, e até muito parecidos. *Eu era assim*, magro, amarello, doente, no tempo da revolta, quando o recrutamento e os bombardeios me atterravam...

— Bem, mas aquelle...

— *Ceguei a ficar quasi assim*, um verdadeiro esqueleto, com o horror das terrives noticias do País sobre o cholera.

— E, agora....

— *Conseguí ficar assim*, gordo, corado bonito, contente com o Prudente e depois que mandei ao diabo as taes noticias do cholera.

## O PROCESSO DA GERAL

Houve aqui uma Companhia que se chamou—*Geral de Estradas de Ferro no Brazil*, mas que, pouco depois de nascer,

transformou-se em—*Geral de Enriquecer o Proximo, a Vapor!*

O intuito era louvavel, e a principio, não faltou quem se lambiasse com os lucros fabulosos realizados de pé para a mão.

\* \* \*

A coisa era assim, salvo seja:

— Fulano pegava em vinte contos de reis e levava-os á Companhia.

D'ahi a 30 dias ia receber vinte seis contos... Chamava-se a isto: — *Report*.

— Beltrano possuia tambem vinte contos de reis, mas achava pouco o lucro de seis, em 30 dias!

Comprava então uns papeis escriptos e d'ahi a dez dias apurava quarenta contos de reis!!

Chamava-se a isto: — *Jogar em debentures*.

\* \* \*

Mais, um bello dia, deu o *trango-manglo* na Geral...

— O que é? O que foi? O que aconteceu?

— Os inglezes....

Não se sabia ao certo.

O facto é que a Companhia fechou a porta aos *Report*—e o valor das taes *debentures*, que chegara a subir a cento e tantos mil reis, cada uma, foi descendo, descendo, até....

Até que, tempos depois, um pobre ilhéu que passava pela rua da Alfandega a vender abacaxis, vendo-se troçado sem piedade por uma chusma de zangões da bolsa, e não sabendo como defender-se, trepou rapidamente á sua carroça, e, empunhando triumphalmente meia dúzia dessas fructas deliciosas, soltou aos quatro ventos este pregão admiravel: — Troça-se abacaxis por *debenturas!*

E é que não faltou quem quizesse fechar negocio...

\* \* \*

Muita gente rica empobreceu; os remediados ficaram á *dependura* e os pobres a pedir esmola.

Mas, perguntavam: — para onde foram tantos milhares de contos saídos do bolso de meio mundo?

— *Mysterio*...

\* \* \*

Veio, então, o processo da Geral.

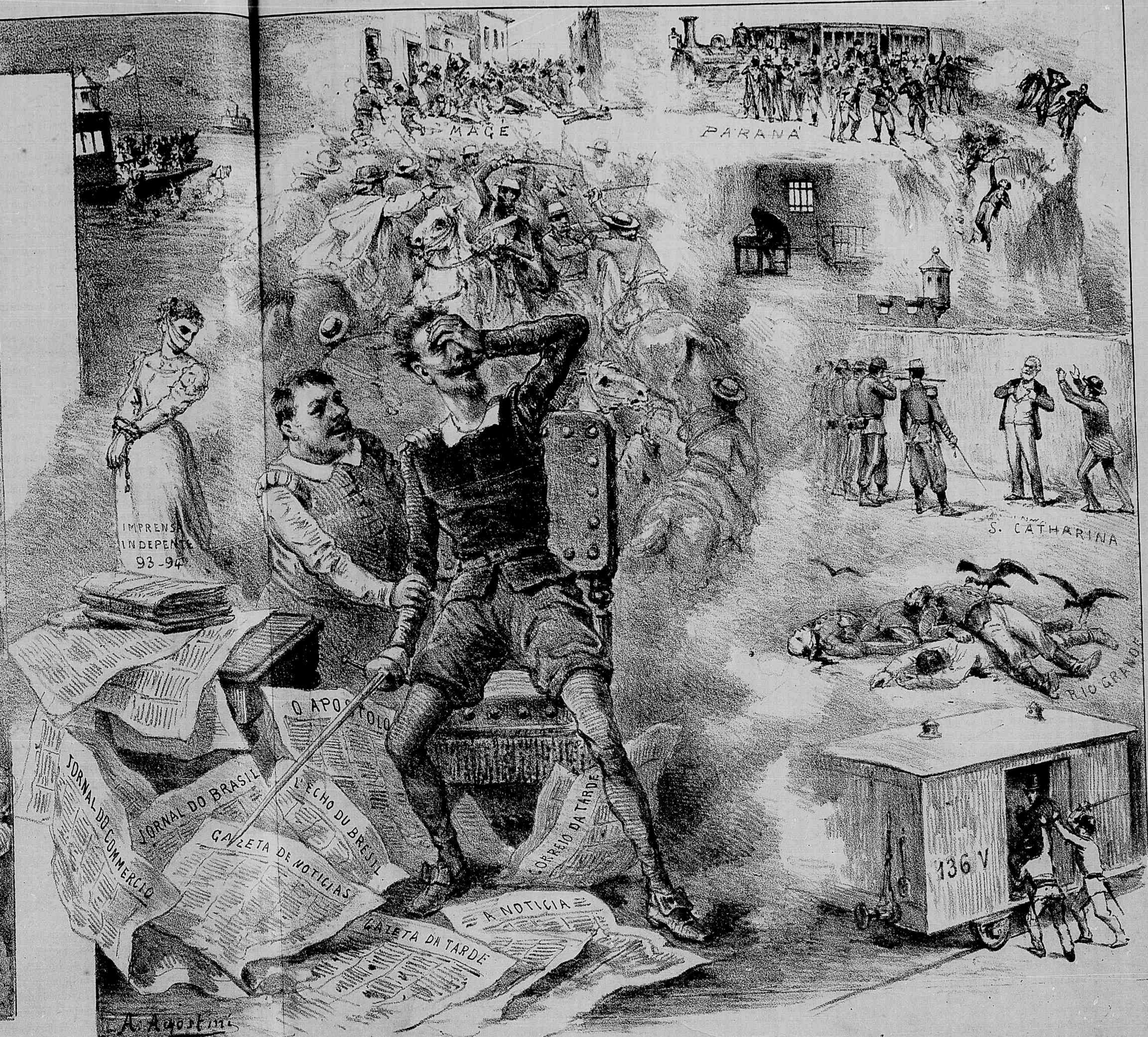
A coisa ia esclarecer-se. Peritos e mais peritos foram chamados para investigar a causa da *dégringolade*. Cresceram os laudos. Cresceram os syndicos. Cresceram os juizes. Cresceram os procuradores. Cresceram os officies de justiça! A curiosidade publica e a indignação cresciam... Era um crescimento *Geral*. Só o dinheiro não crescia, porque não havia mais... para crescer.

\* \* \*

Por fim foram submettidos a julgamento no jury, alguns directores da famosa Companhia.

Os suppostos réos defenderam-se... atirando para os inglezes a culpa do fracasso. Foram tão luminosos os debates, que tudo ficou ás escuras.





« Encheu-se-lhe a phantasia de tudo o que se achava nos livros » Vol. 1.º Cap. 1.º (Cop. de G. Doré)

Anno 1.º Cap. 1.º — Enche-se-lhe a phantasia de tudo que se acha nos jornaes...



E os suppostos réos foram absolvidos.

\*\*\*

Esta mesma boa sorte — é claro — estava reservada ao ex-presidente da Geral, que, ha dias, tambem compareceu ao jury.

Escusado é dizer que mais uma vez estiveram os inglezes na berlinda e que o espectro do SYNDICATO foi invocado pelos *mediuns* judiciais... E o ultimo dos suppostos réos foi, portanto, absolvido.

Luminosissimos travaram-se os depates: mas, tal foi a escuridão, que se vio claramente perdida a ultima esperanza dos que ficaram sem o seu rico dinheirinho.

\*\*\*

Geralmente, é sempre assim...

D. GADANHO.

4895...

Andam os meus amigos impressionados, apprehensivos — e com razão — por me verem n'um estado melancolico, que os assusta.

Bem pensado, o caso não é para menos, Eu sempre fui alegre, brincalhão, e quem quer que de mim se approximasse, pelos laços de amistosa convivencia, forçadamente havia de rir-se, rir-se a bandeiras despregadas, taes e tantas as pilheiras em que o meu espirito se comprazia e se desravadob

Mas, hoje, é isto que se vê: uma tristeza pavorosa estampa-se-me no rosto e já um malvado me chamou de — *cara de cemiterio* — exactamente como aqui ha tempos disseram do meu amigo Alcindo Guanabara.

Ora, francamente, esta tristeza, que me acabrunha tem uma causa efficiente: — é que eu estou profundamente, convencido de que nasci muito cedo, de que não é esta a minha época.

Tenho vinte e cinco annos e sou de construção robusta. Um athleta.

Os meus sentimentos affectivos são extraordinariamente desenvolvidos. Amo impetuosamente. As minhas idéas sobre os progressos moraes e materiaes dos povos, além de participarem da impetuosidade do meu temperamento, são ainda tão adiantadas, que eu pergunto a mim mesmo como é que Deus cochilou tanto e esqueceu-se de arvorar-me em Salvador de patria, lá para 4895?!

E, agora, digam-me: posso eu com taes idéas, viver nesta época de misérias, achar digno de mim tudo que me rodeia?

Nunca.

Que me importa que o Sr. Crispi salve a Italia e o Sr. Faure a França? — que o Japão vá ás *fussas* da China, e o Czar salte pelos ares?

Quem são todos esses sabios — philosophos, naturalistas, poetas, financeiros, artistas, mathematicos, etc., que enchem o mundo com o echo de seus nomes?

Tudo mesquinho! Tudo ridiculo!

Em 4895, sim; em 4985 o mundo não será mais este amontoado de cousas futeis, que por ahí existe, desde o attestado de um

inspector até á Encyclica de um Papa; em 4895 fallar-se-ha do anarchismo e da navegação aérea como de cousas fósseis, que já fizeram o seu tempo.

Por imprestavel, terá desaparecido dos dictionarios o substantivo — Progreso — e em lugar delle só se empregará o feminino — Bemaventurança.

Imaginem, pois, o figurão que eu faria com as minhas idéas, d'aqui a 3000 annos, e como não hei de andar triste sentindo-me apertado neste miseravel 1895!...

Mas, a gotta de fel que fez trasbordar o calix destas minhas amarguras e me desesperou, foi a *Gazeta de Noticias*, que, no dia 14, publicou o seguinte:

«Um sabio allemão, muito forte em estatisticas, calculou que d'aqui a 3000 annos haverá um homem só para 220 mulheres.»

Não, decididamente nasci muito cedo, não sou deste pobre tempo, aborreço-me tudo que vejo e os meus amigos teem caradas de razão para andarem impressionados, com o meu estado melancolico, que os assusta.

D. RUY.

## BOLSA DE BOXTOS

Corre como certo:

— Que os Srs. Dr. Julio de Castilhos e general Moura vão morrer de inveja, vendo o *Don Quixote* e o Sancho Pança, sosnhos, darem cabo da pelle de todos os federalistas e trazerem depois o celebre ramo de oliveira...

— Que a *Gazeta* e o *Paiz* fizeram um tratado secreto de paz, na questão do cholera, continuando, porém, a controversia para inglez ver...

— Que a mesma *Gazeta* e o mesmo *Paiz* fizeram o mesmo tratado secreto da mesma paz, na questão do indulto aos aspirantes de marinha, continuando, porém, a mesma controversia, para moer jacobinos...

— Que estes ensaiam uma parodia da ultima crise da França, que terá como apothese, não a entrada de um novo presidente, mas... antes pelo contrario...

— Que, a continuar a baixa inexplicavel do cambio, o Sr. ministro da fazenda mudará a Bolsa para o Corcovado, para obrigar o dito cambio a subir...

— Que o Sr. ministro da marinha vae fundar na ilha das Cobras uma grande lavanderia e uma escola de outros serviços domesticos, homenagem ao Sr. Dr. José Mariano... que lá aprendeu o officio...

D. BASILIO.

## DESACATOS Á IMPRENSA

Quando, na noite de 18, ás 9 horas, passamos na rua de Gonçalves Dias, vimos grande quantidade de povo agglomerado e uma forte patrulha de cavallaria da valente brigada policial, nas immedições e á porta do nosso collega *Jornal do Brazil*. Indagando, soubemos que a policia cumpria ali o seu dever, porque tivera denuncia de que pretendiam atacar a propriedade desse órgão da opinião publica.

Mais adiante disseram-nos que o proprietario de outro collega, o *Correio da Tarde*, soffrera insolita aggressão, sendo ferido na cabeça.

Ora, muito bem.

Sabiamos que o c. cete e a navalha eram efficazes correctivos para o fim de impedir a liberdade de voto, como ainda ha pouco se vio.

Agora, ficamos sabendo que ha uma horda de selvagens disposta a manejar esses instrumentos, para tolher a liberdade do pensamento.

Como prova de progresso... é eloquente o nosso atrazo!

Resta saber se os taes bandidos são parentes dos da barca *Quinta* — e se a policia deixará de os correr a tiro, para desaffronta da sociedade.

D. SANCHO

## BELLAS ARTES

LULO SENIOR E COSME PEIXOTO

Muito divertida a polemica artistica entre esses dois campeões.

Digo artistica, porque tratou-se de bellas artes, mas de artistica nada tinha ou tem (não sei si acabou) a tal critica do tal *Cosme*.

++

O fim d'este, e logo desde o começo bem o deu a entender, era moer o Rodolpho Bernardelli, cujo bem merecido triumpho, no dia da inauguração da estatua do Osorio, fizera quasi estourar de inveja e despeito toda a *Cosmeria* ou *Peixotada*, composta, na sua maior parte, de antiguidades academicas da ex-Academia de Bellas Artes, e de quem *Cosme* é... porta-voz, para não dizer instrumento.

Eta é que é a verdade.

++

Portanto o *Lulú Senior* perdeu o seu latim em querer discutir arte com quem nada ou pouco entende da materia, e cujo fim era unicamente molestar um artista de merito.

*Cosme Peixoto*, porém, não alcançou o seu *desideratum*. Em lugar de moer o autor da estatua equestre, só conseguiu divertilo, e bem boas gargalhadas soltaram elles e seus numerosos amigos com a leitura dos taes folhetins.

++

Mas *Cosme*, que apesar de não entender de arte, nada tem de tolo, deo-se por muito feliz ao ver sahir a campo, em defesa da



estatua, o *Lulu Senior*, A. de *Mendoça*, *Marial* e outros.

— Agora sim, disse Cosme, isto dá-me, pelo menos, mais tres ou quatro folhetins de troça, e como a troça não é arte, eu sinto-me mais no meu elemento.

E Cosme aproveitou logo e fez muito bem.

++

O mesmo acontece a quem faz discursos. Se ninguem dá apartes, o orador sente-se incommodado: julga os ouvintes pouco attentos ou indifferentes e a sua eloquencia esfria.

Continuou pois o Cosme a dizer um sem numero de cousas que nada tinham com a arte e trocaram-se pilherias de parte a parte, que muito divertiram os leitores de *Cosme e Lulu Senior*.

Dizem por ahi à bocca cheia que o Cosme Peizoto é o Dr. ... Não direi o nome.

E' dever nosso respeitar o incognito. O que, porém, não posso deixar de observar, é que, se por um lado o estylo e o espirito dos folhetins me fazem crer que são da pessoa de quem se falla, por outro lado custa-me a acreditar que um espirito tão illustrado como o desse escriptor, tenha escolhido tão má occasião, para dizer sobre a estatua de Otorio o que elle, com certeza, não pensa, des-toando assim da opinião geral dos que entendem alguma coisa de arte.

Estou porém convencido de que, assim como eu, o Cosme Peizoto, em sua consciencia, considera a estatua equestre do general Otorio, como a mais perfeita obra d'arte nacional, que possui o Brazil, e com a vantagem sobre muitas outras, de ter sido modelada aqui no Rio de Janeiro.

A consciencia, com certeza, obriga-o a pensar que sim.

Mas as conveniencias... fazem-lhe dizer que não.

D. XIMENES.

— Sabes? estou damnado com a *Gazeta*.  
— Deveras?

— E' o que te digo. A *Gazeta* com as suas facilidades sobre o cholera, fel-a bja!...

— Não percebo...

— Ouve: minha sogra gosta muito de pepinos e pelas facilidades da tal *Gazeta*... eu não me oppunha a isso. Tanto comi pepinos que lá a deixei agora, com um ataque de cholera.

— Hum!... pepinos!... sogra!... ataque de cholera!... Nada, isso ha de ser colera sem h...

— Pois antes fosse.... Mas é do legitimo, com h, com muitos h h h, com todas as letras do alphabeto, até!

— ?!

— Adeus, vou ver se a mando para a Jurujuba.

## NOTAS

O tribunal militar a que foi submettido o capitão de fragata Augusto de Castilho, celebre commaniente da corveta *Mindello*, deu por não provado o libello accusatorio e absolveo esse official da marinha portugueza.

Houve por isso grossa borrasca em Lisboa, produzida de um lado pela crise ministerial, e de outro pela assanhada opposição que aproveitou o vento para felicitar o ex-acusado.

Mas não houve outra avaria, a não ser a vaga aberta no ministerio da marinha—

rombo que foi tapado com outro ministro...

Sobre o caso acode-nos o seguinte:

Logo que serenarem as nossas paixões politicas e o julzo de cada um de nós entrar nos seus eixos, não nos será difficil reconhecer que o acto de humanidade praticado pelo bravo marinheiro, restituiu ao Brazil centenas de brasileiros illustres, que lhe serão ainda muito uteis.

==

Ha cholera ou não ha cholera?

Diz o *Paiz* — que sim; mas a *Gazeta* diz — que não.

O *Paiz* deita abaixo a livreria toda, e — afirma; mas a *Gazeta* faz o mesmo, e — nega.

Acreditar-se no *Paiz*, é não largar mais a agua fervida e tomar outras precauções rigorosas; a dar-se credito á *Gazeta*, faz-se vista grossa a tudo isso e passa por lá muito bem.

Mas, que diabo! não haverá meio de ter-se uma certeza certa?

O governo não poderá fornecer documentos ás partes litigantes e mesmo ás outras folhas, neutras nesta questão do cholera?

Cremos que sim.

E o caso não é para desprezar.

Ahi pelo interior têm-se dado factos extraordinarios, attentados clamorosos, principalmente no que diz respeito à liberdade de commercio e de locomoção, motivados pela existencia de uma epidemia que, se não é a do cholera indiano, não deixa de ser muito grave.

Ora, para os sectarios do *Paiz* esses factos tornam-se perfeitamente justificaveis, sob a capa do feroz instinto de conservação; mas, para os leitores da *Gazeta* assumem character odioso e são dignos de severo castigo.

O governo tem o dever de aclarar este negocio e o povo tem o direito de ser official e positivamente esclarecido.

Ha ou não ha cholera?

Ecco il problema.

==

O Sr. Faure, presidente da França, vio-se seriamente atrapalhado para organizar o seu gabinete. Isto quer dizer que o partido socialista continua a fazer caretas e que talvez se tornasse preciso manipular uma combinação habil e elementos estaveis.

Ou seria por falta de homens competentes, que as difficuldades appareceram?

Neste caso, desculpe-nos o sr. Faure, S. Ex. fez muito mal, não consultando immediatamente o *Don. Quixote*.

Conhecemos por aqui muitas summidades politicas desempregadas recentemente, que eram capazes de engolir qualquer opposição e fazer figura papafina...

==

Chega-nos da Republica Argentina a noticia de ter o Sr. Saenz Pena resignado a presidencia, dando como causa desse acto não poder supportar a opposição que lhe moviam pelo facto de não querer dar amnistia a criminosos politicos. Acrescentam os telegrammas, que o publico foi indifferente a tal resignação.

Vê-se pois, que a opinião publica ainda é uma grande força, mesmo na America do Sul...

==

O Supremo Tribunal Militar consultado sobre se o indulto concedido pelo governo ás praças de pret do exercito e da armada, abrangia ou não os aspirantes de marinha—resolveu unanimemente pela affirmativa.

A proposito travou-se na imprensa uma luta tão interessante, quanto desigual.

Enquanto só dois dos nossos jornaes oppunham-se á interpretação que acaba de ser confirmada — todos os outros collegas, tacita ou expressamente declararam-se pela ampliação da generosa lei.

Para nós, a consulta foi um luxo diplomatico do governo e o accordo do Tribunal um pleonasmão dispensavel.

Enfim, os sermões de lagrimas sempre conseguiram retardar quasi um mez a applicação de uma lei em favor dos pobres... bandidos.

D. JUSTO

— De que precauções usas tu contra o cholera?

— Uso da hygiene moral.

— Como assim?!

— E' muito simples: ao levantar da cama leio a *Gazeta* que me predispõem agradavelmente o organismo para resistir ás virgulas... Ao deitar, leio então o *Paiz*... e durmo sobre o caso!

— Ah!

## Gracias!

A gratidão é uma virtude que sempre nos aprouve cultivar em alta escala.

Por isso, abrimos esta secção de agradecimento a todos quantos nos captivarem com as suas offertas. Para hoje temos:

— a de uma esplendida cadeira enviada pelo amavel Fonseca da grande fabrica de malas de Seixas Magalhães & C.—cadeira esta em que, uma vez sentados, perdemos a vontade de trabalhar, tai a sua commodidade;

— a de uma folhinha e varios bibelots lindissimos, remetidos pela casa très chic dos nossos amigos Guimarães & Ferdinando, á rua do Ouvidor;

— a de uma deslumbrante folhinha, mandada pela grande fabrica de chapéus de sol dos gentis Srs. Noé & C<sup>a</sup>, á rua 7 de Setembro;

— a de tres magnificas photographias executadas no bem montado atelier photographico do provecto artista Barander, de Juiz de Fóra.

CABALLERO DE GRACIA.

~~~~~

Final do artigo da *Gazeta*, applaudindo o accordão do Tribunal Militar, no caso dos aspirantes:

Não podemos fugir porém ao impulso de manifestar o nosso contentamento per uma decisão que abre as portas da patria a tantos brasileiros irmãos e fecha o cyclo de dores e angustias a tantas familias, assás provadas pela fortuna adversa.

—

Trecho do artigo do *Paiz*, criticando o dito accordão:

Fomos, pois, vencidos, mas não estamos convencidos.

Entre este pedacinho e o abre e fecha da *Gazeta*, ha, positivamente, um abysmo... do Paraná!

~~~~~

## A nossa meza

Não vão pensar que A nossa meza é a dos comes e bebes, á qual nos sentamos diariamente, para conforto do nosso bello estomago, e onde temos bebido bem boas pingas, á razão da mesma...

Não é tal.

Esta meza é unicamente destinada á recepção de livros, jornaes e musicas, com que nos quizerem honrar os que não duvidam de que somos capazes de ler e de desengonçar as gambias, de um modo espantoso.

E, pois, para começar, temos sobre ella:

— *Revista Maritima Brasileira*, importante publicação do Club Naval. Abrange o periodo de Julho de 93 a Dezembro de 94. Magnifica.

— Memorial sobre o processo do *Tim tim* por *tim tim*, em que é aggravada a Sra Pepa. Muito curioso.

— A *Voz do Povo*, sympathico jornal de Taubaté, ao qual agradecemos penhoradissimos as honrosas palavras com que nos saudou.

D. MEZARIO.





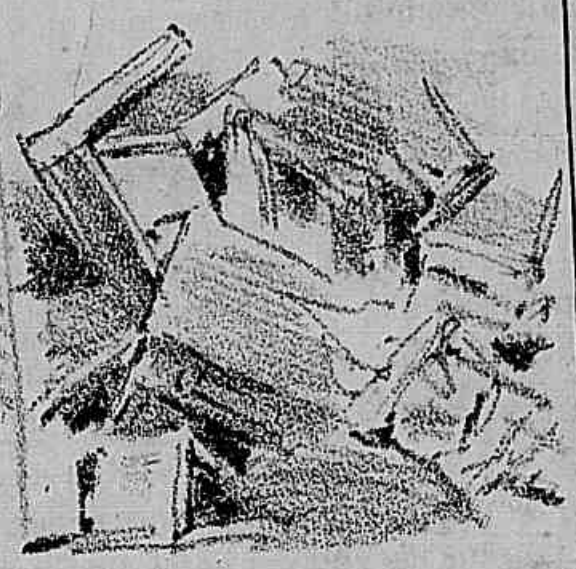
ESCOLA NAVAL



S.P. — O patrão está danado e, como eu bem o conheço, vou, por causa das dúvidas, arrochar-lhe a tança e amolar o fio da sua espada.

O seguro morreu de velho e eu acho que a prudência manda imitar o prudente Moraes na questão dos aspirantes.

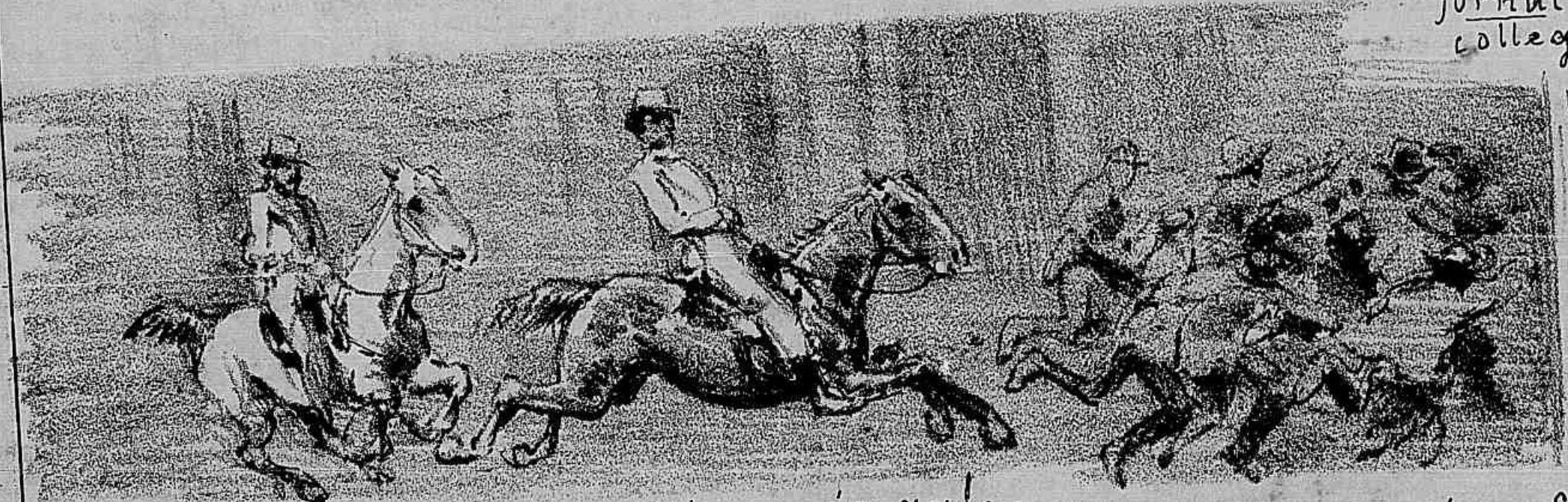
a quem mandaram entrar para a escola naval, obrigando-os, em seguida a pular pela janella. Assim satisfez-se as opiniões contrarias



Por isso não gosto de metter-me em politica. Se se agrada a uns,

desagrada-se a outros e eu não gosto de ver coisas feias ou zangadas

Nem tão pouco que me venham escangallar os cacarecos, como pretendem fazer com o jornal do Brasil, nosso collegado.



Mas a policia anda activa, e ás galopadas para cima e para baixo, limpando assim a rua do Ouvidor dos celebres manifestantes da liberdade da imprensa.

Com a leitura do edital de hoje, é provavel que elles axu-tem de uma vez.



Gracas à energia da policia já se pode sair a rua sem receio...

e até dar um passeio à Praia-Grande, com as devidas precauções por causa das dúvidas...



# INCENDIO DA BARCA "TERCEIRA"

No dia 6 de Janeiro, ás 7 horas da noute, entre S. DOMINGOS e NICThEROY

Retratos de algumas das primeiras vítimas encontradas



## NOTICIA DA CATASTROPHE

Afim de satisfazer a curiosidade do publico resolvemos dar esta estampa antes da publicação do primeiro numero do jornal „Don Quixote“, publicado por ANGELO AGOSTINI.

*Ella será distribuida gratuitamente aos nossos assignantes. Aquelles que a quizerem desde já receber podem procural-a á rua do Ouvidor 109, sobrado, das 8 ás 6 da tarde.*

**NOTICIA DA CATASTROPHE**  
—A barca *Terceira* da Companhia Cantareira foi construida nas officinas da mesma Companhia.

Era illuminada á luz electrica. A sua marcha regulava 12 milhas por hora, e dispunha de accommodações confortaveis.

Na véspera fizera a sua primeira viagem de inauguração, dando magnífico resultado. No dia seguinte à essa festa, concorrida por grande numero de convidados e representantes de todas as classes sociais, entrara em serviço publico pela primeira e ultima vez.

— A barca *Terceira*, que levava perto de 300 pessoas, acabava de deixar a estação de S. Domingos, onde dera desembarque a vários passageiros, quando minutos após houve o choque que começara na tarde de ontem de abarimar

O mestre de fogos que começara na tolda, em torno da chaminé, alarmou-se ao ouvir o grito de Vidal, então, não dispondo de recursos para extinguir o incêndio, viu-se na collisão de voltar a S. Domingos, o que tentou inutilmente, ou de encaixar a barca afundada, o que tentou também sem sucesso. Vendo, porém, a barca *Quinta*, que momentos antes se saíra de Niterói, aproximou-se, entendeu o perigo que se fazia para os passageiros a passagem de uma barca tão pequena e assim esperou que a *Quinta* atracasse.

Nesta ocasião deu-se o facto mais revoltante e deshumano, de que não há exemplo em sinistros marítimos:—alguns passageiros da barca *Quinta*, apesar do mestre Pedro Costa assegurar não haver o menor perigo em aproximar-se mais da *Terceira*, empregaram a força, a mão armada, se tal fosse. Ainda assim o mestre Costa tentou vencer a resistência que lhe era imposta, mas já não pôde evitar a catástrofe. Os marinheiros, de abandonar a triste sorte lhe morrerem queimados ou afogados os infelizes passageiros da *Terceira*, cujas vidas estavam nas suas mãos. A *Quinta* tocou atrás e o mestre mandou

que se lançasse ao mar todos os bancos e salva-vidas de que dispunha.

Os passageiros da *Terceira* vendo afastar-se essa barca que para elles representava a salvação, a vida emfim, pensaram então na morte implacável que os esperava: e gritos desolados e pungentes eschoaram no ar. Homens, mulheres e crianças, reunidas em grupo, como que despediam-se compungidamente uns dos outros, agora que para todos elles soara o momento fatal. E quantos dór, quanto desespero, quanta agonia subia do coração por ver-se aquellas pobres creancinhas, ainda tão cedo, já condemnadas a tão cruel destino!

É este o momento que representa a estampa. Na tolda o Sr. Mano Sayão vestido de branco e que desde o principio recomendará calma aos passageiros, pois que providenciaria, embalde faz signal para que a *Quinta* se aproximassem, não suppondo nunca que já, naquella hora suprema, ella fugia, fugia cobardemente, levando consigo a maldição das desgraçadas victimas, maldição que recae toda sobre os miseraveis assassinos que, impedindo o mestre Pedro Costa de cumprir o seu dever de homem do mar e de homem humano, deram causa á tamanha hecatombe.